

5 DESAFIOS PARA A EFETIVAÇÃO DE UM PROJETO INTERDISCIPLINAR NA CONTEMPORANEIDADE: Um diálogo com Jürgen Habermas e Ivani Fazenda.

Peterson José Cruz Fernandes¹

Resumo: O presente artigo reflete sobre os desafios para a efetivação de um projeto interdisciplinar na contemporaneidade a partir da interlocução entre dois pensadores: Jürgen Habermas e Ivani Fazenda. Com esse diálogo, pretende-se apresentar alguns elementos do momento atual que nos desafia sobremaneira, e a possibilidade de um aporte que contribua para uma ação mais humana e humanizadora em prol de um projeto urgente que aloque o ser humano no seu devido lugar: o de protagonista da história, do mundo e dele próprio.

PALAVRAS-CHAVE: Contemporaneidade; Interdisciplinaridade; Intersubjetividade.

ABSTRACT: This article reflects on the challenges for ensuring an interdisciplinary project in the contemporary from the dialogue between two thinkers: Jürgen Habermas and Ivani Fazenda. With this dialog, we intend to present some elements of the present moment that challenges, and the possibility of an investment that contributes to a more humane and humanizing action for an urgent project that allocate the human being in its place: the protagonist of the history of the world and himself.

KEYWORDS: Contemporaneity; Interdisciplinarity and Intersubjectivity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

Uma reflexão acerca da contemporaneidade tem se apresentado desafiadora. O mesmo ocorre com a Interdisciplinaridade. Não poderia ser diferente, pois estamos tratando conceitos complexos, polissêmicos. Parece-me que se faz necessário assumir posições claras, o que não significa definir esses conceitos de maneira unilateral, encerrando a reflexão em si mesma, sem considerar outras possibilidades. O presente artigo delimita o olhar: reflete sobre a contemporaneidade a partir da Teoria do Agir Comunicativo de Jürgen

¹ Peterson José Cruz Fernandes: formado em Filosofia (UNISAL), mestre e doutorando em Educação: Currículo (PUC-SP). É docente e gestor educacional. CV: <http://lattes.cnpq.br/1597142111140706> Contato: peterson.jose@uol.com.br

Habermas², e sobre a Interdisciplinaridade com Ivani Fazenda³. Explico minhas opções:

O pensamento habermasiano está pautado na questão do ser humano e suas relações, fundamentando-se na ideia de que “[...] o espírito subjetivo obtém sua estrutura e seu conteúdo a partir de um engate no espírito objetivo das relações intersubjetivas entre sujeitos que por natureza são socializados” (HABERMAS, 2005, p.20). Para Fazenda (2011a), a Interdisciplinaridade está fundamentada nesta intersubjetividade, ou seja, na premissa de que, mais do que a capacidade de relacionar-se, o ser humano se constitui efetivamente na relação com o outro.

Outra razão levou-me a Jürgen Habermas e Ivani Fazenda: observo cada vez mais, uma multidão de pessoas pessimistas diante da contemporaneidade.

² Jürgen Habermas, “[...] um dos mais importantes intelectuais da segunda metade do século XX. Sua importância, riqueza e originalidade de ideias lhe outorgaram um reconhecimento internacional, seja pela densidade e abrangência de suas análises ou ainda pela capacidade de dialogar com as correntes filosóficas clássicas e contemporâneas, extraindo destas os elementos constitutivos de sua teoria. Trata-se do pensamento de um autor contemporâneo, [...], com uma vasta produção teórica no campo da filosofia e da sociologia, que suscita quase que inevitavelmente sua participação nos debates dos grandes temas sociológicos, epistemológicos, políticos, econômicos, éticos e culturais de sua época. As considerações de Habermas ocupam um lugar de destaque não só na Alemanha e na Europa, que é o seu principal contexto de interlocução, mas no mundo inteiro” (GOMES, 2005, pp.1-2).

³ Ivani Fazenda é pedagoga, graduada pela Universidade de São Paulo em 1963. Em 1978 concluiu seu mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do professor Antônio Joaquim Severino, com o título: Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro. Em meados da década de 80, Ivani Fazenda retornou para a Universidade de São Paulo para defender sua tese de doutoramento, Educação no Brasil nos anos 60, sob a orientação do professor Teófilo de Queiroz Júnior. Na década seguinte, tornou-se livre-docente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, com a pesquisa Interdisciplinaridade – um projeto em parceria.

Desde 1979 é docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo fundado em 1981 o GEPI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade, reconhecido pela CAPES em 1986. O grupo é formado por pesquisadores de diversas áreas, que têm na Interdisciplinaridade um objetivo comum. Configura-se como um dos principais grupos de pesquisa sobre o assunto no cenário internacional, colecionando dezenas de pesquisas e intervenções nacionais e internacionais.

Ivani Fazenda é professora associada do CRIE (Centre de Recherche et Intervention Educative) da Universidade de Sherbrooke - Canadá, membro fundador do Instituto Luso Brasileiro de Ciências da Educação - Universidade de Évora - Portugal. Desde 2007 compõe o CIRET/UNESCO (Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires). É membro da Academia Paulista de Educação (cadeira 37) e pesquisadora CNPQ nível 01 desde 1993.

Ivani Fazenda já publicou mais de 30 livros. Tem trabalhado com afinco, corroborando com a vida profissional e pessoal de diversos educadores que têm, na Interdisciplinaridade, um horizonte repleto de sentido frente ao contexto contemporâneo, demasiadamente cartesiano, tecnicista, cientificista, monológico e que apresenta-nos uma traiçoeira e perigosa dicotomia: a dicotomia entre ciência e existência.

Essa postura torna a peregrinação pesada, exaustiva e, em muitos casos, inviável. A decepção com as pretensões do projeto da modernidade fez com que diversos pensadores criticassem a razão, instituída como único meio seguro para o real desenvolvimento do ser humano, que precisava, primeiramente, emancipar-se de uma série de mecanismos de dominação. Essa crítica conduziu, em muitos casos, a uma postura de desconfiança acerca de sua capacidade emancipatória, pois ela não teria cumprido a promessa do projeto em pauta, a ponto de “[...] converter-se ela mesma numa espécie de novo deus cujas divindades menores haveriam de conduzir os homens a uma nova forma de alienação” (GOERGEN, 2001, p.08).

Acredito que precisamos assumir uma visão mais positiva do mundo e do ser humano. O pensamento habermasiano auxilia-nos nessa nova compreensão, pois não despreza as conquistas do novo projeto, nem postula sua falência, ao contrário, aponta que ele está inacabado e carente de correções, pois embora tenha pretensões válidas e legítimas, fora reduzido, durante o percurso da história, aos aspectos sistêmico e técnico-científico, conduzindo a sociedade contemporânea pelo traiçoeiro caminho da razão instrumental. Neste contexto, Ivani Fazenda propõe uma Interdisciplinaridade que deseja ser um aporte para a superação deste cenário. Não se reduzindo a método e instrumento, essa Interdisciplinaridade está alocada nos campos Epistemológico e Ontológico, porque deseja resgatar o ser e promover uma nova visão sobre os conhecimentos sejam científicos ou não.

O PROJETO DA MODERNIDADE.

A contemporaneidade é fruto de um projeto que questionou a tradição e fundamentou-se numa nova época na qual o ser humano estivesse livre de todo vínculo com um passado despótico, o que exigiu o estabelecimento de suas próprias normas, critérios e padrões que viabilizassem e certificassem uma mudança de paradigma, livre de qualquer referência de outrora. Para Kant (1985), a modernidade caracteriza-se fundamentalmente pela justificação da estrutura e significação do mundo e da consciência pelo exercício da razão subjetiva. Trata-se de um processo que deseja conduzir o ser humano à sua maioridade, fruto de uma consciência autônoma, livre de qualquer tutela, normas ou princípios heterônomos⁴. A razão autônoma torna-se, assim, o “[...] tribunal supremo ante o qual há que justificar-se tudo o que em geral se apresenta com a pretensão a ser válido” (HABERMAS, 1990, p. 29).

Para Jürgen Habermas (CAVALCANTE, 1999), a tentativa de emancipação do projeto da modernidade se deu a partir de três instâncias: **racionalização cultural, social e das estruturas da personalidade**. A instância da

⁴ Heterônomos: Princípios estabelecidos conforme os critérios e vontades do outro. Algo externo, sem a participação do sujeito, de cima para baixo, arbitrário. (Nota do pesquisador).

racionalização cultural promoveu o processo pelo qual ocorreu a autonomização da ciência, da técnica, da moral, do direito e da arte.

A ciência moderna deslocou a racionalidade para o plano lógico-matemático, submetendo toda pretensão de validade aos seus critérios e estabelecendo uma compreensão científica do mundo, no qual o conhecimento passou a determinar-se por um mecanismo empírico-causal. Nasce uma confiança ilimitada no conhecimento, no progresso e na razão compreendida como científica e repleta de possibilidades de domínio do homem sobre a natureza. A técnica, compreendida como meio para o alcance da eficácia, é dependente do desenvolvimento das ciências. No que diz respeito às doutrinas éticas e jurídicas, sua autonomização se expressa pelo surgimento de uma nova compreensão de direito e moral, desacoplada da visão religiosa metafísica de outrora, fundamentada na formulação de regras universais intencionalmente instituídas e positivadas, frutos de convenções suscetíveis de discussão racional. Esse processo permitiu o surgimento do cidadão que assumiu o lugar do súdito, obedecendo agora à lei e não mais aos seus representantes.

Com o objetivo de aumentar a eficácia produtiva, a racionalização social foi, segundo Habermas (1987a), o processo de transformação da economia e da política por meio de uma racionalidade instrumental e estratégica. Esse processo possibilitou o surgimento do Estado moderno e da empresa capitalista, “[...] responsável pela organização da economia, racionalizando a vida social através da utilização do saber científico, da organização da contabilidade e da gestão, dos investimentos e da eficiência [...]”. (CAVALCANTE, 1999, p. 59). O aparelho burocrático-institucional passou a responder pela organização do Estado moderno, racionalizando a vida social por meio da organização burocrática da administração com funcionários especializados, do sistema fiscal, da força militar e do poder judiciário.

Com a racionalização da esfera política, além da eficácia, objetivou-se também a autonomia e a liberdade em detrimento ao arbítrio e ao autoritarismo. A modernização da política propôs um Estado que assegurasse a liberdade, uma sociedade civil crítica, e a emancipação de todas as categorias sociais, de forma que estas pudessem participar da vida política sem restrições. (CAVALCANTE, 1999). Estabeleceu-se o direito formal positivado para servir como mediador das esferas econômica e política, bem como a legitimação das ações do governo e o emprego das forças.

A racionalização das estruturas da personalidade foi o processo que possibilitou a motivação para um modo metódico de vida, fundamentado no trabalho profissional disciplinado e constante (HABERMAS, 1987a). Nessa nova perspectiva, o homem situa-se no mundo como instrumento divino que, por meio do cumprimento de seus deveres profissionais, torna-se **eleito**, pois se conforma ao modo sistematizado e racionalmente organizado de vida e nele atinge o êxito objetivado. Esse processo de racionalização identifica-se, de maneira geral, pelo rigor metódico de um modo de vida regido por princípios, autocontrolado, centrado no eu, que se organiza em torno da ideia de que a necessidade de assegurar a própria salvação vai apossando-se ou estendendo-se sistematicamente em todos os âmbitos da existência cotidiana.

Essas três esferas de racionalização são fundamentais para compreender a pretensão emancipatória que o projeto moderno empreendeu nos aspectos da cultura, dos sistemas institucionalizados da sociedade e da própria personalidade. Essas instâncias de racionalização se configuram e se interpenetram, conduzindo ao desencantamento das antigas imagens de mundo e à institucionalização das ações racionais nas estruturas sistêmicas (empresa capitalista e Estado moderno) e da consciência subjetiva (cultura e personalidade).

DA RAZÃO SUBJETIVA AUTÔNOMA À RAZÃO INSTRUMENTAL.

Jürgen Habermas define razão instrumental, aquela subjetiva, voltada apenas para o sujeito em relação ao conhecimento e à sua auto conservação. Ele apresenta assim tal temática:

En esta perspectiva los atributos del espíritu, conocimiento y actividad teleológica, se transforman en funciones de la autoconservación de sujetos que, como los cuerpos y los organismos, persiguen un único «fin» abstracto: asegurar su existencia contingente. De este modo y manera entienden Horkheimer y Adorno la razón subjetiva como razón instrumental (HABERMAS, 2001a, p.495).

O projeto da modernidade foi forjado sobre o conceito de uma razão subjetiva e autônoma capaz de conhecer e controlar a realidade por meio dos métodos da técnica e da racionalidade instrumental. Este projeto, construído em base diferente da Idade Média, pretendia guiar todos os aspectos da vida do homem por meio da razão subjetiva emancipada, que se tornava o único critério para fundamentar e organizar as instâncias da vida. Segundo Goergen (2001, p.88), nesta proposta,

O homem dispensa a ajuda dos deuses e assume, ele mesmo, a tarefa de sua salvação. O desvendamento das regularidades da natureza e o seu aproveitamento pela tecnologia haveriam de assegurar o progresso em direção a um futuro mais humano, mais feliz.

O que se esperava deste projeto acabou não se concretizando como fora desejado, embora não se possam negar os grandes progressos que ocorreram ao longo da história por meio do desenvolvimento de novas tecnologias e o avanço das ciências. Para Jürgen Habermas, o processo de racionalização do projeto da modernidade apresenta um duplo direcionamento: ao mesmo tempo em que possibilitou o caminho para a emancipação do sujeito e da sociedade, realizou um movimento inverso, no qual o processo de racionalização

sistêmico-instrumental gerou um reducionismo do conceito de razão, tornando-se mais um projeto de dominação e reificação⁵ das relações sociais.

O potencial emancipatório do projeto da modernidade foi abafado pelas determinações do sistema capitalista e pelas exigências da burocratização do poder. A dimensão sistêmica dos processos de racionalização da economia capitalista e do poder do Estado, que tem a função exclusiva de gerir os meios do capital e do poder de maneira objetiva e racional, ampliou-se gradativamente, tornando-se cada vez mais preponderante, anexando segmentos inteiros do mundo vivido a seus imperativos.

[...] a medida que los componentes del modo de vida privado y de la forma de vida político-cultural quedan arrancados de su espacio vital y de su contexto histórico y biográfico mediante la redefinición monetária de metas, relaciones y servicios, y de las estructuras simbólicas del mundo de la vida mediante la burocratización de decisiones, de deberes y derechos, de responsabilidades y dependencias, empieza a hacerse sentir que los medios dinero y poder sólo se ajustan a determinadas funciones. [...] Parece que la monetarización y la burocratización sobrepasan los límites de la normalidad en cuanto empiezan a instrumentalizar las aportaciones del mundo de la vida injiriéndose en el sentido específico de éstas (HABERMAS, 1987b, p. 457).

Essa razão instrumental autodetermina-se no ciclo de dominação das coisas e dos sujeitos, manifestando-se como **o todo suficiente** no processo social. A técnica é o símbolo da modernização e o método para o conhecimento, dominação da natureza e controle dos mecanismos sociais. A natureza passa a ser mensurada para servir aos interesses e determinações de uma racionalidade guiada para fins; os processos produtivos são automatizados; os avanços da ciência são convertidos em instrumentos para corroborar na eficácia da economia e do capital; os Estados configuram-se altamente burocratizados por um aparato técnico-jurídico. Define-se, deste modo, um modelo de racionalização extremamente funcional, no qual os sistemas econômicos e de poder suplantam as outras instâncias da vida (HABERMAS, 1987a).

Desta forma, o conceito de racionalidade assume um aspecto técnico-instrumental, desprezando e considerando irracional todas aquelas outras formas de conhecimento ou ação que não se conformam ao modelo da ciência e da técnica e não se pautam pelos critérios da eficiência e eficácia. O saber lógico-científico proclama-se auto redentor, autorizado a perpassar todas as esferas da vida dos indivíduos, tornando-se um poder dominador.

Saber é poder e é por um paradoxo aparente que os cientistas e os tecnólogos, por meio do saber que têm sobre o que acontece nesse mundo sem vida das abstrações e

⁵ Reificação: no sentido marxológico de coisificação- o homem torna-se coisa, assim como suas relações. (Nota do pesquisador).

interferências, chegaram a adquirir o imenso e crescente poder de dirigir e mudar o mundo em que os homens têm o privilégio e estão condenados a viver (HABERMAS, 1994, p. 94).

Nesta perspectiva, o processo de racionalização encontra-se marcadamente reduzido e exclusivo. Constitui-se um modelo de racionalidade monológica, centrada no sujeito que se relaciona com os objetos para manipulá-los e dominá-los. Trata-se de uma razão atrofiada, que se limita ao aspecto cognitivo-instrumental. Para Habermas (1990, p. 44), o processo de racionalização instrumental reduziu o conceito de razão ao aspecto formal, validando apenas os procedimentos empiricamente estabelecidos.

A razão instrumental encolhe-se, reduzindo-se ao aspecto formal, fazendo a racionalidade dos conteúdos depender somente da racionalidade dos procedimentos, de acordo com os quais se tenta resolver os problemas [...] a validade dos conteúdos volatiliza-se na validade dos resultados.

Tal modelo de racionalidade expressa o paradigma da subjetividade sobre o qual se assenta o processo da modernização. A relação sujeito-objeto ganha matizes acentuados no que diz respeito à manipulação e utilização dos mecanismos racionais para a dominação dos fatos do mundo objetivo e das ações. Atribui-se à razão instrumental uma **onipotência**, pois, ela pretende ser capaz de englobar o todo da realidade sem, porém, situar-se dentro das estruturas que a compõem, o que a torna desvinculada do substrato histórico ao qual está inserida e da sua filiação à natureza constituinte.

A razão moderna torna-se totalizante, transformando-se aos poucos num poder que já não conhece barreiras nem limites, sendo capaz de subjugar a natureza e o próprio homem, por meio dos métodos cientificistas e pela ação instrumental da técnica. Este conceito reduzido de racionalidade não consegue dialogar ou relacionar-se comunicativamente com os múltiplos conhecimentos presentes nos discursos sociais. Tal processo, que chegou até mesmo a gerar a corrente positivista nas diversas formas do saber - científico, sociológico, linguístico, jurídico etc., (ROUANET, 1993) não reconhece conteúdo cognitivo e semântico a saberes ou expressões simbólicas que não estejam configuradas a partir de seus critérios.

Habermas (2000, p.158), ao criticar o conceito de razão centrada no sujeito absoluto e objetivado, que atrofia as relações de diálogo, aponta para uma preocupante situação conseqüente, na qual os sujeitos são colocados em um contexto de próspera dominação e acabam em relação de manipulação de uns para com os outros, tratando-os como objetos em função de interesses egoístas.

No processo histórico-universal do esclarecimento (iluminismo), a espécie humana distanciou-se cada vez mais das origens e, no entanto, não se livrou da compulsão mítica para a repetição. O mundo moderno, o mundo completamente racionalizado é desencantado apenas na aparência; sobre ele paira a maldição da coisificação demoníaca e do isolamento mortal.

O projeto da modernidade legitimou uma concepção de racionalidade que se tornou instrumental, na qual a ciência e a técnica são as grandes reguladoras. A vida e as relações sociais passaram a se guiar pelo critério da subordinação ao progresso técnico e econômico. A modernidade, que antevia a emancipação de todos os cativos, chegou a um empecilho no momento em que o homem se tornou escravo das forças que ele mesmo imprimiu ao processo histórico; este perdeu o controle de sua razão e ela já não está mais a serviço da construção de sua felicidade. Para Bouffleuer (2001, p.12):

[...] o homem do nosso tempo perdeu a capacidade de objetivar criticamente o mundo em que vive; o poder econômico, impulsionado e legitimado pela ciência e pela técnica, domina o processo social; a reflexividade crítica foi cerceada pelo amplo processo de ideologização, o que transformou o homem contemporâneo num ser econômico, unidimensional.

A razão moderna instrumental, portanto, não deu conta de sua missão. O que fora imaginado um dia como um futuro glorioso não deixou o homem mais feliz e realizado. Liberto da submissão religiosa e guiado unicamente por sua razão, o homem seria o dono de seu destino, imaginava-se. Sobre este aspecto, Ghiraldelli (2006, p.103) reflete com Jürgen Habermas:

Nossa história teria caminhado por esse tipo de via para cair, de uma vez, sob o império da razão instrumental, o que nada seria senão o predomínio das atividades de cálculo sobre quaisquer outras. A tecnologia e a vida sob constante e crescente administração seriam o produto de tal tipo de concepção. Com isso, não foi difícil o homem tornar-se um objeto e uma coisa a mais no mundo, podendo, então, ser efetivamente tratado como coisa.

Para Jürgen Habermas, a modernidade não é um projeto falido, mas sim, incompleto, carregado de aporias. O autor não pretende negá-la, ao invés, completá-la, liberando, por meio de um novo paradigma, o da **racionalidade comunicativa**, os traços emancipatórios contidos no projeto moderno-iluminista. A partir da apresentação dos reducionismos e, especialmente, do caráter ideológico assumido pela técnica e pela ciência, quando estas se colocaram aos diversos setores da sociedade como a única forma de racionalidade possível, Jürgen Habermas se vê desafiado a contribuir na reconstrução teórica da razão a partir de outras bases, oportunamente refletidas num próximo trabalho. Para este artigo, basta-nos compreender sua análise e crítica.

A INTERDISCIPLINARIDADE NESTE CONTEXTO.

Reflexo do contexto tratado acima, a Interdisciplinaridade, compreendida como integração formal e burocrática das disciplinas em áreas do conhecimento, vem assumindo um caráter instrumental e metodológico nas diversas orientações curriculares existentes. Porém, segundo Ivani Fazenda, a Interdisciplinaridade é muito mais que junção de disciplinas, trata-se de uma nova visão sobre as possibilidades de relação entre elas e entre as questões fundamentais da contemporaneidade, o que permitiria a substituição da verdade de cada disciplina pela verdade do homem enquanto ser no mundo (FAZENDA, 2011a, p. 89).

O que se pretende, portanto, não é propor a superação de um ensino organizado por disciplinas, mas a criação de condições de ensinar em função das relações dinâmicas entre as diferentes disciplinas, aliando-se aos problemas da sociedade. A Interdisciplinaridade torna-se possível, então, na medida em que se respeite a verdade e a relatividade de cada disciplina, tendo-se em vista um conhecer melhor.

Para Fazenda (2008) a Interdisciplinaridade encontra-se, fundamentalmente, nos âmbitos epistemológico, ontológico e praxiológico, traduzindo-os, simultaneamente, nos conceitos de saber-saber, saber-ser e saber-fazer.

Enquanto Epistemologia, a Interdisciplinaridade surge como nova organização das disciplinas científicas, agregando a elas, as diversas visões de mundo, conhecimentos não científicos e, principalmente, a pessoa. Trata-se de uma “[...] Epistemologia da alteridade, em que razão e sentimento se harmonizem, em que a objetividade e a subjetividade se complementem, [...] em que ser e estar coabitem em um tempo e espaço intersubjetivo” (FAZENDA, 2011b, p. 17). Esse movimento alicerça-se na intersubjetividade (FAZENDA, 2011a), na premissa de que, mais do que a capacidade de relacionar-se, o ser humano se constitui efetivamente na relação com o outro. Existência é, obrigatoriamente, coexistência.

Enquanto Ontologia, o ser humano e suas relações estão no centro da atividade interdisciplinar, que busca compreendê-los em sua totalidade e desenvolver concepções e ações que os promovam e os tornem cada vez mais humanizados, humanizadores e sustentáveis em prol da pessoa e do mundo. A disciplina aqui é deslocada para outra instância, cedendo lugar para a preocupação com a pessoa, sua existência, seu modo de ser e de relacionar-se. Nesse sentido, para Fazenda (2011a) a Interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas.

Já que a Interdisciplinaridade é uma forma de compreender e modificar o mundo, pelo fato de a realidade do mundo ser múltipla e não uma, a possibilidade mais imediata que nos afigura para sua efetivação no ensino seria a eliminação das barreiras entre as disciplinas. Anterior a esta necessidade básica, é óbvia a necessidade da eliminação das barreiras entre as pessoas (FAZENDA, 2011a, p. 88).

Para Fazenda (2011a) a Interdisciplinaridade é algo que se vive, é atitude de espírito diante das diversas instâncias da vida, assim, é mais processo que produto, é algo que precisa ser construído cotidianamente, pois não está acabado. Nessa ótica, a Interdisciplinaridade não é encarada como a panaceia que resolverá todos os percalços do processo de ensino e aprendizagem, bem como aqueles relacionados à Epistemologia. Ela é compreendida como possibilidade de uma reflexão mais adequada sobre o homem e suas relações, seja consigo, com o outro, com o conhecimento e com o mundo. “É condição de volta ao mundo vivido e recuperação da unidade pessoal [...]” (FAZENDA, 2011a, p.74).

Esse movimento interdisciplinar está alicerçado sobre cinco pilares fundamentalmente intersubjetivos, ameaçados pela contemporaneidade que, como vimos, pautou-se na razão instrumental: coerência, espera, desapego, humildade e respeito (FAZENDA, 2011a).

Quanta **incoerência** diante do mundo contemporâneo, carente de uma ética que sublima posições individualistas, competitivas e utilitaristas. A contemporaneidade está centrada no sujeito, ao invés de estar centrada nas próprias relações entre os sujeitos e o mundo.

Quanta **soberba**, resultado de uma autossuficiência que desconsidera o outro, ou que o percebe apenas como instrumento para o alcance de objetivos meramente pessoais e subjetivistas. A contemporaneidade fomenta o sujeito solitário, orientado conforme os ditames de uma razão voltada para o conhecimento e ação num mundo de objetos.

Quanto **apego** a ideias, conquistas, bens e títulos, fruto de um processo de reificação que os **animam** e nos tornam objetos diante deles. Esse apego pode nos conduzir ao fechamento que compromete as relações interpessoais, bem como, o desenvolvimento de cada ator, pois, como nos afirma Habermas (2005, p. 21), “nos olhares de um tu, de uma segunda pessoa que fala comigo como uma primeira pessoa, eu me torno consciente de mim mesmo [...]”.

Quanto **desrespeito** que nos conduz a um estado de cegueira diante do outro, resultado de apegos, soberbas e incoerências. A razão instrumental apresentou ao homem um caminho traiçoeiro, que pode conduzi-lo a uma relação de dominação e manipulação do outro, que passa a ser tratado como objeto em função de seus próprios interesses egoístas.

Quanta **pressa**. A contemporaneidade não lida bem com a questão do tempo, isso porque ela promoveu dois divórcios: um com o ontem, e outro com o amanhã. O contexto atual pode imprimir às relações humanas uma pressa para fugir do passado e chegar rápido ao futuro, o que desconsideraria o pretérito e o processo de maturação que cada pessoa e projeto necessitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Pensar a Interdisciplinaridade hodiernamente parece-me pertinente e urgente. Não se trata aqui de qualquer Interdisciplinaridade, porque não estamos nos referindo a qualquer contemporaneidade.

O mundo atual apresenta-nos desafios provenientes de sua complexidade. A ausência de ser humano na ciência moderna, principal motor deste mundo, trouxe consequências graves para todas as esferas da vida coletiva. Por outro lado, quanta riqueza e possibilidades de ação humanizadora.

Urge aprimorarmos o olhar para identificarmos as diversas facetas que compõem o tempo atual, nas suas precariedades e potencialidades. Jürgen Habermas nos auxilia nesta empreitada, apresentando-nos elementos que evidenciam os diversos mecanismos que movimentam as várias esferas da vida individual e coletiva.

Esse novo olhar, mais aprimorado, convoca-nos para a ação que objetiva atualizar as potencialidades, no sentido aristotélico da palavra, e superar as precariedades que tornam o ser humano menos humano. A Interdisciplinaridade proposta por Ivani Fazenda torna-se propícia na medida em que coloca o ser e suas relações no centro da ação humana. É para a vida que vivemos, e isso implica colocar-se no centro de suas ações e, ao mesmo tempo, o outro, pois como vimos, é a partir do outro e com o outro que nos tornamos seres humanos.

Duas certezas se cristalizam neste último parágrafo: os desafios são grandes para a efetivação de um projeto interdisciplinar hoje; o diálogo é o único caminho para a superação destes.

REFERÊNCIAS.

BOUFLEUR, José Pedro. **Pedagogia da Ação Comunicativa**: Uma leitura de Habermas. Ijuí: Unijuí, 2001.

CAVALCANTE, Alberto Rocha. **Habermas e a dialética do processo de racionalização como reificação e emancipação na modernidade**. Caderno de filosofia e ciências humanas, Belo Horizonte, n. 13, pp. 57-63, out. 1999.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.). **Dicionário em construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro – efetividade ou ideologia**, 6ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2011a.

_____. **Interdisciplinaridade:** História, Teoria e Pesquisa. 18ª ed. Campinas: Papyrus, 2011b.

GHIRALDELLI, Paulo. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Ática, 2006.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, Ética e Educação.** Campinas: Autores Associados, 2001.

GOMES, Luiz Roberto. **O consenso na teoria do agir comunicativo de Habermas e suas implicações para a educação.** 2005. 149f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa:** racionalidad de la acción y racionalización social. Tradução Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1987a. Tomo I.

_____. **Teoria de la Acción Comunicativa:** Crítica de la razón funcionalista. Tradução Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1987b. Tomo II.

_____. **Pensamento pós-metafísico:** estudos filosóficos. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

_____. **Técnica e ciência como ideologia.** Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1994.

_____. **O Discurso Filosófico da Modernidade:** Doze lições. Tradução Luiz Sérgio Repa, Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Teoria de la acción comunicativa, I:** Racionalidad de la acción y racionalización social. Tradução Manuel Jiménez Redondo. 2ª ed. Madrid: Taurus Humanidades, 2001a.

_____. **Entre naturalismo e religião.** Estudos filosóficos. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

KANT, Immanuel. **Textos seletos.** Tradução Valério Rohden. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na modernidade:** Ensaio. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.